

ESPETÁCULO

Crescimento de 4,2%

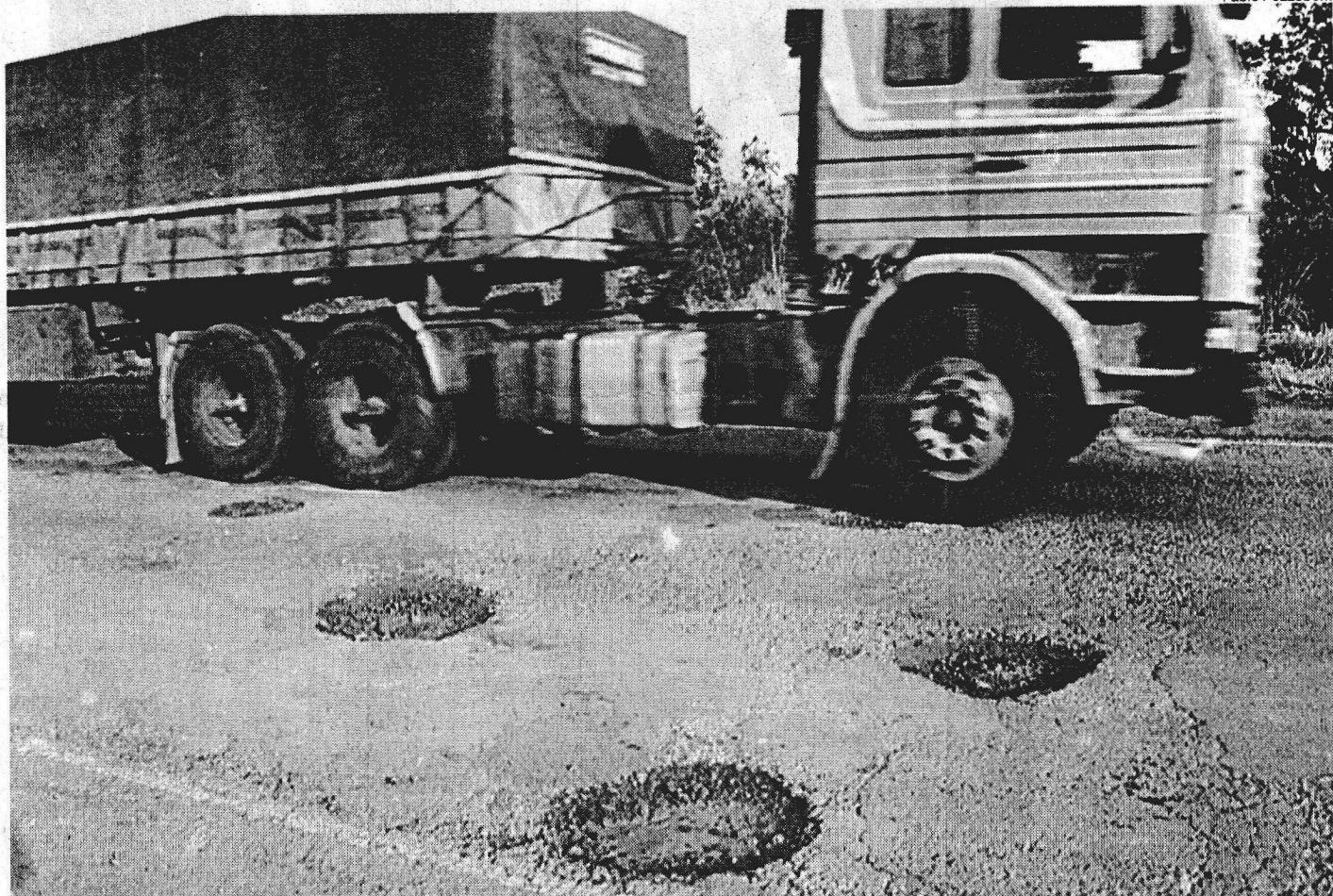
economia - Brasil

RESULTADO DO PRIMEIRO SEMESTRE É RECORDE DOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS. EXPANSÃO, PORÉM, REVELA PROBLEMAS COM A FALTA DE INFRA-ESTRUTURA, AUMENTO DA INFLAÇÃO E ELEVAÇÃO DA TAXA DE JUROS

A economia brasileira teve um crescimento de 4,2% nos primeiros seis meses deste ano, segundo informou, ontem, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa é a maior taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) desde o primeiro semestre de 2000. Apenas no segundo trimestre, houve crescimento de 1,5% em relação ao primeiro. O resultado reflete o bom momento da economia brasileira, com recordes nas exportações, retomada do consumo, da renda e do mercado de trabalho.

Em relação ao segundo trimestre do ano passado, o crescimento apresentado é ainda maior: 5,7%. Trata-se do maior crescimento desde o terceiro trimestre de 1996. Isso por conta da fraca base de comparação, resultante do desempenho pífio visto no ano passado por conta dos juros altos e queda na renda do trabalhador. A recuperação da economia, no entanto, pode trazer dificuldades ao país, como, por exemplo, estimular a inflação. O IGP-M de agosto ficou em 1,22% e revelou pela primeira vez que o reaquecimento da economia está permitindo o aumento de preços, segundo a Fundação Getúlio Vargas.

Depois seguem os gargalos estruturais, como a falta de infra-estrutura de energia, saneamento e transportes; a alta carga tributária; e a necessidade de ampliação do parque industrial, que recebeu poucos investimentos desde as crises



Estradas em más condições não conseguem escoar a produção de forma eficiente

da Ásia (1997), da Rússia (1998), da desvalorização do real (1999), do apagão (2001), da Argentina (2001) e da desconfiança internacional na época da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002).

Finalmente, será difícil manter os mesmos níveis de crescimento nos próximos trimestres pois a base de comparação tende a ficar desfavorável após os bons indi-

cadores recentemente divulgados. De qualquer forma, os bons dados da economia já começam a ter reflexos no mercado de trabalho. O desemprego caiu pelo terceiro mês seguido, segundo o IBGE, e hoje representa 11,2% da População Economicamente Ativa (PEA). A queda teria sido causada pela antecipação das contratações da indústria para as encomendas de fim de ano. O

resultado do PIB divulgado, ontem, deve dar novo fôlego para as campanhas petistas, que devem usar os dados positivos em um momento de proximidade das eleições municipais do dia 3 de outubro. Para prolongar a maré de crescimento, o governo apostou na aprovação da nova Lei de Falências e das regras da Parceria Público-Privada (PPP) ainda neste ano. O Congresso, entretanto, dá

sinais negativos e nem líderes governistas acham que será fácil aprovar a matéria antes das eleições. Apesar dos resultados expressivos da economia no primeiro semestre, analistas alertam para a possibilidade de desaceleração nos próximos trimestres. O ano de 2003 foi particularmente fraco para a economia brasileira. O PIB caiu 0,2% e registrou o pior resultado desde 1992.

Fabio Pozzebom